

Figuras Clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo

Silvia Leonor Alonso, Aline Camargo Gurfinkel e Danielle Melanie Breyton

Quando se fala do feminino em psicanálise, é impossível não lembrar a alcunha que Freud deu a enigma representado pela sexualidade feminina e pela mulher: "O continente negro". Ele admitia pouco saber sobre o mistério do feminino, reputando aos poetas o poder de intuí-lo. Algo curioso, se considerarmos seu conhecimento sobre a histeria, provindo do contato com mulheres. Mas o criador da psicanálise pertencia ao sexo masculino, e isso não é pouco quando a pessoa do investigador se inclui em seu método. Tanto é que Freud atribui às primeiras mulheres psicanalistas a capacidade de investigar com maior propriedade o universo feminino. A grande dificuldade que a psicanálise encontrou na conquista do feminino foi a de tratá-lo como uma positividade: a libido era, por natureza, masculina; as meninas tinham inveja do pênis, e seu caminho em direção à femininidade era algo torturoso. Todavia, alguns autores aceitaram o desafio de buscar a positividade do feminino, numa postura a um só tempo científica e ética. Stoller, por exemplo, radicalizou esta disposição a ponto de postular uma inversão no primado do falo. Não inovou completamente, visto que Melanie Klein já falara em "inveja do seio", dando o troco à invidia penis.

A trilha aberta por Freud em direção ao feminino foi marcada por dúvidas, aproximações e retificações, como tão bem mostra Silvia Leonor Alonso na "Conferência de Abertura" deste livro. Muitos dos impasses enfrentados pela psicanálise neste campo, sabemos hoje, decorrem da impregnação da teoria do feminino pelas representações culturais da mulher, da mesma forma como a própria constituição do feminino desencarnada da cultura sem redundar no uso ideológico das justificativas biológicas, pretensamente mais "científicas". O avanço rumo a uma teoria mais segura do feminino só se tornou possível à medida que a psicanálise foi sendo posta a prova por profundas alterações na condição social da mulher. Pois bem, esta coletânea de textos tem como mérito maior o fato de avançar efetivamente na conquista do "continente negro", refletindo criticamente sobre a aventura histórica e conceitual do feminino desde a obra de Freud até a psicanálise contemporânea. O feminino é aqui tematizado sob os ângulos da clínica, da cultura e da arte, demonstrando que a abordagem do psíquico não pode separar o indivíduo das formas simbólicas culturais que o engendram. Por sua qualidade teórico-clínica, esta obra vem reiterar a importância que o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae ocupa na construção do saber psicanalítico no Brasil.

Editora Escuta e Departamento de Psicanálise Instituto Sedes Sapientiae apresentam o livro "Figuras Clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo"

Silvia Leonor Alonso é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professora e supervisora do curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Coordenadora do grupo de trabalho e pesquisa O feminino e o imaginário cultural contemporâneo.

Co-organizadora/autora de Alonso, Silvia Leonor e Leal, Ana Maria, Freud: um ciclo de leituras (São Paulo: Escuta/Fapesp, 1998)

Aline Camargo Gurfinkel é psicóloga e mestre em psicologia social pela USP; é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde participa do grupo de trabalho e pesquisa: O feminino e o imaginário cultural contemporâneo, é professora do curso de especialização Psicossomática. Autora do livro Fobia (São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001)

Danielle Melanie Breyton psicóloga, psicanalista, integrante do grupo de trabalho e pesquisa O feminino e o imaginário cultural contemporâneo do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e membro da equipe de terapeutas do Projetos Terapêuticos